



O NEGRO: *semanário de reportagens* – jornal de Coimbra de que se publicaram quatro números entre 29 de Novembro e 27 de Dezembro de 1930, tinha redação e administração na Rua do Loureiro daquela cidade, sendo impresso na Casa Minerva, na Avenida Navarro. Paginado a três colunas — com exceção da 1.^a página, sempre composta em duas —, num volume regular de oito páginas por número¹, sem numeração, e de que uma era reservada em exclusivo a publicidade, vendia-se a \$50 por exemplar, não havendo anúncio à possibilidade de assinatura.

Foram seus diretores **João Veiga** (apenas no 1.^o número) e **Jorge de Moraes (Xabregas)** (nos restantes três números), e seu chefe de redação, editor e administrador **Manuel Aires Falcão Machado (1905-?)**². Conquanto a assinatura deste fosse quase exclusiva nas matérias publicadas — na sua forma extensa, na abreviada de **Manuel Aires**, ou só com as iniciais de **M. A.** —, do corpo redatorial de *O Negro* fazia também parte **Almerindo Barros** — cuja existência e função é assegurada apenas por um anúncio de uma sua viagem a Lisboa³.

Em termos explícitos, assinala-se a colaboração de **Moura Pegado**, com uma reportagem⁴, e de **Álvaro de Vasconcelos**, redator do *Repórter X* que, de passagem por Coimbra, acedeu numa prosa extensa de duas páginas em louvor de *O Negro*⁵. No restante, a prosa publicada era atribuída a uma galeria de pseudónimos “negros” e seus correlatos: **Máscara Negra**, **O Repórter Negro**, **Cavaleiro Negro**, **Repórter Nocturno**, **Águia da Noite**, **Dragão Negro**, **Zangono**, **Lince Negro**, **X.** e **G.**

Que se propunha *O Negro*?

«Eis a pergunta que muita gente fará e à qual passamos a responder.

Neste enorme lamaçal em que se debatem muitas pessoas, há vampiros, há trapaceiros, há bandalhos que se arrastam, calcando, enlameando, todos aqueles que procuram ascender mais alto, mais além da *hipocrisia* e da *falsidade*.

[...]

A que vimos?... Simplesmente quebrar a paz podre em que nós vivemos; simplesmente, bisturizar o carcinoma postulento que muitos trazem oculto — e depois limpá-lo e cauterizá-lo convenientemente. [...]»⁶

¹ Apenas o 4.^o e último número saiu reduzido a 4 páginas.

² Manuel Aires Falcão Machado foi prolífico escritor e jornalista, conquanto pouco valoroso, tendo colaborado, entre outros, no *Diário de Coimbra*, *Primeiro de Janeiro*, *Aurora do Lima*, *Repórter X*, *Voz do Povo* e *Vida Nova*.

³ N.^o 1, p. [5].

⁴ N.^o 2, p. [3].

⁵ N.^o 3, pp. [4-5].

⁶ Editorial de apresentação “Negridões: a que vimos?...”, n.^o 1, p. [1].

E, que ameaçava *O Negro*?

«As reputações fazem-se e desfazem-se com uma facilidade medonha, desde que Guttemberg descobriu o veneno fulminante da letra redonda. Quando os homens se habituarem a escutar maduramente a consciência antes de agir, os jornais da índole de *O Negro* não têm razão de existência.»

A linguagem desabrida ia de par com um tom moralizador, em prol da verdade e sem temer a nada nem a ninguém, dando voz à canalha a quem faltava o excesso que outros ostentavam. **Tudo vertido em “reportagens” sobre as chagas sociais e os escândalos que enlameavam Coimbra:** “*Lama! Lama! Lama!*”, sobre a prostituição⁷; “*Tristezas dos pobres*”, sobre os becos onde grassava a miséria e a tuberculose⁸; “*O Semi-nudismo*”, “prosa amarga” novamente sobre a prostituição⁹; “*Mais um quadrilheiro*”, versando homens que viviam à custa de mulheres¹⁰; “*Do crime...: ouvindo um ilustre advogado*”¹¹; “*Um inquérito interessante e escandaloso*” sobre fortunas súbitas e duvidosas¹²; “*Um homem rico na intimidade...*”¹³; “*Escravidão branca*”¹⁴.

Sem surpresa, **o projeto editorial de *O Negro* não calhou bem em Coimbra:** ao terceiro número anunciava-se (mas em tom de desagravo, claro) que havia sido interposta ação judicial contra o jornal¹⁵. Fosse ou não por esse motivo, a verdade é que o quarto número já não saiu em cadência semanal, sofrendo um hiato de quinze dias em relação ao precedente¹⁶. E publicou-se só pela metade: quatro páginas em vez das habituais oito. De forma clássica, a fraqueza vinha compensada com alardes de bravura:

«SEMPRE AVANTE!

“*O Negro*” dá hoje aos leitores o seu quarto número. Está ainda novo, mas começa já a esboçar os primeiros passos firmes sem necessidade de outro apoio que não seja o da opinião pública. E esse está assegurado pelo êxito incontestável que obtiveram os três primeiros números.

[...]

E, no entanto, ninguém pode talvez avaliar o sacrifício que representa a organização de um jornal como o “*O Negro*”, ninguém aprecia devidamente o esforço que se deve e tem de empregar para se sustentar um semanário da índole do nosso.

A dificuldade provém dos inúmeros obstáculos que a cada momento se erguem ante nós, das peias que tantas vezes nos impossibilitam de corresponder à preferência do público. É que as nossas reportagens

⁷ N.º 1, p. [3].

⁸ N.º 1, pp. [4-5].

⁹ N.º 1, p. [6].

¹⁰ N.º 2, p. [2].

¹¹ N.º 2, p. [5].

¹² N.º 2, p. [6].

¹³ N.º 2, p. [8].

¹⁴ N.º 3, pp. [1-3].

¹⁵ N.º 3, p. [3].

¹⁶ N.º 3, de 13 de Dezembro, n.º 4 de 27 de Dezembro.

contendem muitas vezes com aqueles que valem pela preponderância, pelo domínio do seu dinheiro, que com ele se escudam, ocultando consciências menos límpidas, escrúpulos duvidosos.

[...]

A missão de “O Negro” será cumprida, será mantida na orientação que de princípio lhe foi dada. [...]

Não desanimemos, pois, e prossigamos na nossa tarefa, sem desalentos, sem um esmorecimento que possa tomar-se como cobardia [...].»¹⁷

Foi em vão a bravata. Já não houve n.º 5 de *O Negro*.

Por Pedro Teixeira Mesquita

Lisboa, HML, 14 de Maio de 2013.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédica, Lda., 1978.

¹⁷ Editorial ao n.º 4, p. [1].